

Robôs não tomam café. Mas já tomam decisões? – Por Hélder Almeida da Silva

written by Hélder Almeida da Silva | 4 de Julho, 2025

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
Hélder Almeida da Silva



Já alguma vez parou para pensar quem manda realmente numa fábrica? Será o gestor de produção... ou o algoritmo que prevê falhas antes delas acontecerem? A inteligência artificial deixou de ser uma promessa longínqua, para se tornar naquele colega de trabalho que nunca tira férias, nunca chega atrasado e, infelizmente, nunca traz bolo para o lanche... nem no aniversário.

Durante décadas, as fábricas foram o reino da força bruta, da repetição e da eficiência medida em peças que estavam produzidas no contentor por cada minuto que passava. Mas agora há um novo tipo de trabalhador a entrar em cena: invisível, incansável e, por vezes, assustadoramente inteligente. A

inteligência artificial está a transformar a indústria – e não pede aumentos.

Hoje, há algoritmos que conseguem prever quando uma máquina vai falhar antes mesmo dela tossir. Chamam-lhe manutenção preditiva, mas podia chamar-se *“bola de cristal industrial”* – e funciona: menos paragens, menos desperdício, mais produtividade. Tudo isto sem que ninguém tenha de sujar as mãos – ou sequer de ouvir aquele barulho estranho que *“já vem desde a semana passada”*.

Mas nem tudo são engrenagens douradas. Há quem olhe para esta revolução com um misto de fascínio, mas também algum receio. Afinal, se a IA começa a decidir quando parar uma linha, ajustar uma temperatura ou reorganizar a produção... o que sobra para os humanos fazerem?

Lembro-me de visitar uma fábrica onde o operador já nem nos botões tocava, apenas observava o ecrã onde o sistema decidia tudo. *“Estou aqui para garantir que ela não enlouquece”*, disse-me ele, meio a brincar. Meio. É verdade que a IA não enlouquece, mas também não acerta sempre e é preciso ter sentido crítico. Ainda lhe falta intuição, contexto e aquele sexto sentido que só quem já viu uma máquina a fazer *“um barulho esquisito, mas só quando está nevoeiro”*, consegue interpretar.

E é aí que reside o equilíbrio: a inteligência artificial pode ser brilhante, **mas precisa da inteligência humana para ser relevante**. Um algoritmo pode saber tudo sobre vibrações anormais, mas não sabe que o operador da noite costuma resolver tudo com um murro bem dado – uma técnica ancestral, mas eficaz.

Há quem diga que a IA vem substituir empregos. Talvez, mas também já se disse o mesmo dos computadores e da Internet. Mas garantidamente também vai criar outras possibilidades de empregos. O operador de máquinas pode tornar-se analista de

dados; o técnico de manutenção, o novo programador de sistemas preditivos. O verdadeiro desafio é preparar as pessoas para esta transição – e não apenas instalar sensores e esperar milagres.

Aliás, o erro mais comum nas fábricas que “implementam IA” é achar que basta comprar software. Como se fosse um eletrodoméstico: liga-se à corrente e pronto. Mas a IA não é uma varinha mágica. **É mais como um estagiário muito promissor:** precisa de formação, supervisão e, de vez em quando, de alguém que lhe diga “mas tu estás parvo? Isso não faz sentido nenhum”!

E depois há o lado filosófico da coisa. Se um algoritmo decide tudo, quem é responsável quando algo corre mal? O engenheiro? O programador? O fabricante do software? Ou será que, um dia, vamos ouvir: **“Foi o algoritmo. Ele achou que era melhor assim.”** – e pronto, assunto encerrado.

A indústria está a mudar, e depressa. Já há fábricas onde os robôs colaboram com humanos em tarefas complexas, onde os sistemas aprendem com os erros e onde os dados valem mais do que o aço. Mesmo que não saibamos o que fazer com eles! Em alguns casos, a IA já está a otimizar o consumo energético em tempo real, a prever atrasos logísticos antes que o camião arranque e até a sugerir alterações no design do produto com base em padrões de defeitos.

Mas no meio de tanta inovação, há uma pergunta que continua a ecoar: quem lidera quem? **Quem guardará os guardas?** Estamos a usar a IA para libertar as pessoas para tarefas mais criativas e estratégicas – ou apenas para as vigiar melhor e medir até quantas vezes respiram por minuto?

E há ainda o risco de nos apaixonarmos pela tecnologia e esquecermos o essencial: o propósito. Já vi fábricas com dashboards tão bonitos que pareciam obras de arte digitais – mas onde ninguém sabia o que fazer com os dados. É o

equivalente industrial a ter um frigorífico inteligente... e continuar a comer pizza congelada.

A inteligência artificial pode ser rápida, precisa e imparável. Mas não tem valores, nem visão, nem gosta de café... o que por si só, já não parece nada confiável. E talvez seja esse o papel dos humanos na fábrica do futuro: garantir que, por trás de cada decisão inteligente, há sempre uma intenção humana.

Porque no fim, o verdadeiro progresso não é ter fábricas que pensam – é ter fábricas que pensam em conjunto com as pessoas.

E se um dia um robô lhe disser que está tudo sob controlo, pergunte-lhe: ***“Mas já avisaste a Dona Maria da manutenção?”*** – só para ter a certeza de que ainda há alguém a pensar com coração.